

# A Comissão Rondon como inspiração

Mariah dos Santos Martins  
Mestranda HCTE  
[mariahmartins\\_1@hotmail.com](mailto:mariahmartins_1@hotmail.com)

Os livros, publicações, cartas e outros diversos tipos de textos têm sido, ao longo de nossa história, materiais primordiais à produção historiográfica. A História da Ciência tem se debruçado também na ampla produção textual científica e filosófica como materiais primeiros a seus estudos. Contudo, nesse trabalho, buscamos além de utilizar a documentação textual como fonte primária, compreendê-la, também, como representação de uma prática (CHARTIER, 1988). Dessa maneira entendemos ser o texto a representação (que é uma produção) de uma prática (no caso a escrita), assim como essa prática é também uma prática de representação (CHARTIER, 1988).

Compreendo assim que as categorias utilizadas por teóricos como Roger Chartier, Pierre Bourdieu, e Norbert Elias, são atualmente a melhor maneira de pensar (enquanto um historiador que faz alianças com áreas como a sociologia e antropologia) a história das práticas letradas. Proponho-me assim, a analisar gêneros letrados distintos, produzidos por um mesmo autor, autor esse participante do campo das ciências no Brasil, na busca de compreender a construção dessas letras e o sentido buscado pelo autor para as mesmas, obviamente sem relegar a experiência que as motivou, a Comissão Rondon.

## **Um zoólogo, de um museu, para uma comissão**

A Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas (CLTEMA), que ocorreu durante os anos de 1907 a 1915, chefiada por Cândido Mariano da Silva Rondon (1865-1958), além de possibilitar um sem número de produções historiográficas tanto sobre suas atividades como sobre seu chefe, também foi assunto de diversas produções, científicas ou não, autobiográficas ou jornalísticas, daqueles que ouviam e também dos que viviam.

É no meandro daqueles que viviam essa experiência que esse estudo vai ganhando escopo, pois é nesse instante que a figura de Alípio de Miranda Ribeiro (1874-1939), nosso autor, surge. Miranda Ribeiro era zoólogo, funcionário do Museu Nacional da cidade do Rio de Janeiro, sediado desde 1892 no Paço de São Cristóvão na Quinta da Boa Vista. Na época de seu convite a integrar uma comissão científica da comissão conhecida como Comissão Rondon, em 1907, ocupava o cargo de secretário do distinto museu. Em algumas documentações obtivemos a informação de que Ribeiro foi o chefe dessa “Comissão de História Natural” criada por Rondon para que se dedicassem exclusivamente ao conhecimento e coleta do material científico existente nas áreas que a Comissão Rondon percorria, apresentando assim mais uma atividade que essa comissão se propôs.

Alípio de Miranda Ribeiro foi o zoólogo da Comissão Rondon durante os anos de 1908 e 1909, retornando ao Rio de Janeiro no início de 1910. Contudo Miranda Ribeiro continuou trabalhando ativamente já que além de indicar nomes para os cargos concernes à comissão de história natural, o Museu Nacional foi depositário dos espécimes coligidos na Comissão, produzindo diversas publicações científicas a cerca do material zoológico em especial.

Entretanto, outras produções desse zoólogo nos chamaram a atenção, e as duas tem a Comissão Rondon como experiência inicial.

## **Um diário**

Alípio de Miranda Ribeiro produz um diário de campo, a partir de sua viagem como zoólogo da Comissão Rondon, intitulado “*Ao redor e através do Brasil*”. Apesar da publicação de alguns trechos do diário em periódicos, o mesmo não é publicado de forma integral. O que se tem é um encadernado datilografado compreendendo o início da viagem até os primeiros meses do ano de 1909, além de cadernetas e cadernos de campo manuscritos sobre o restante da viagem do zoólogo. Compreendemos ser esse diário uma obra pelas claras intenções autorais que contém. O capítulo inicial é chamado “*Aos leitores*”, apresentando sua intenção em publicá-lo. Seguidamente, os capítulos se dividem pelas áreas que percorreram “*Corumbá*”, “*Excursão à Jacobina*”, “*Potreiro das Anhumas*”, “*Tapirapoan*” e etc. Buscamos analisar a cima de tudo três aspectos que entendemos estruturar a narrativa de um diário de viagem. São eles: o aspecto iniciático, que se refere ao caráter autobiográfico da narrativa de um diário, as representações sobre aquele corpo que sente as experiências de uma viagem ao interior do Brasil, um interior pouco conhecido e nada explorado; o segundo é o aspecto do inventário, referente à justificativa primeira de sua presença na comissão, o inventário técnico-científico, quando fala dos espécimes que vê, como são, locais de coleta e seus comportamentos; e por último o comentário, aspecto esse bastante encontrado ao longo da obra. Sem muitas limitações o zoólogo faz digressões, trava comparações, desabafa o cansaço e a indignação, além de expressar os signos mais poéticos de sua narrativa.

Dessa maneira, observamos a estrutura de um diário, uma obra que permite um homem da ciência divagar sobre a sociedade ou sobre a natureza num mesmo espaço, esses três aspectos se misturam durante toda a narrativa, permitindo essa flexibilidade dentro do gênero do diário. Compreendemos primordialmente que o diário de campo é a representação do Brasil para o zoólogo que trava comparações entre a sociedade brasileira e sociedades sul-americanas, como a argentina, para construir sua representação de Brasil, assim como compara os brasileiros e suas produções à natureza brasileira, que, a seu ver, é o belo do país, digno de poesia, não considerando o mesmo do homem brasileiro.

Miranda Ribeiro utiliza-se ainda dessa produção para construir sua identidade enquanto naturalista, concretizando a importância de uma viagem como essa a um naturalista, sendo o diário a materialização dessa experiência e a sua representação de Brasil.

## **Uma publicação**

Assim como foi possível compreender a importância da viagem, física e mental, possibilitada pela comissão na análise do diário de viagem de Miranda Ribeiro, outro material nos chamou atenção no arquivo do zoólogo: a publicação nº49 da CLTEMA, que se refere à conferência ocorrida no ano de 1916 no Museu Nacional, com o intuito de homenagear o então Coronel Rondon, que acabara de finalizar as atividades de sua comissão. Proposta essa feita por Edgard Roquette-Pinto, antropólogo do Museu Nacional e também da comissão, a Alípio de Miranda Ribeiro.

O título da publicação é “*A Comissão Rondon e o Museu Nacional*”, que se estrutura a

partir de três conferências. A primeira, “*Trabalhos da Comissão Rondon no Campo das Ciências Naturais*”, onde são apresentados os nomes dos participantes, no campo das ciências naturais, da Comissão Rondon, durante todos os anos que as atividades científicas aconteceram (1907-1915). Além da análise e estatística acerca do que se publicou até o momento com o material coligido na comissão em cada uma das áreas; botânica, geologia e mineralogia, zoologia e antropologia.

A segunda conferência “*O Museu Nacional segundo dados oficiais e oficiosos*” apresenta-se como um dos tópicos principais dessa publicação, apesar de ter inicialmente a justificativa de uma homenagem, o trabalho é utilizado como meio para um olhar mais atento ao Museu Nacional, o que tem sido feito nele e dele. Interessante é perceber as estratégias utilizadas pelo autor para se falar de assunto tão delicado como a crítica da administração da instituição. Dessa forma, Miranda Ribeiro inicia essa conferência travando a analogia entre as relações de pais e filhos, e a sua com o Museu. Fala do amor entre pais e filhos e do momento conturbado quando o filho cresce e deseja tomar decisão precipitadas, levado pelo impulso juvenil, descartando os conselhos paternos e maternos. Assim, faz sua crítica ao Museu, que tem muito carinho apesar de sua sinceridade rígida, que se faz necessária nesse momento. Segue fazendo um apanhado estatístico dos materiais existentes até o momento em cada uma das seções do Museu Nacional agraciadas pela comissão. Analisa ainda o histórico da instituição, desde sua constituição, privilegiando as informações acerca dos materiais e coleções adquiridas.

A terceira e última conferência intitulada “*O que os governos fazem do museu; - o que ele deve ser, - a lição de Rondon*” na qual, também de maneira inusitada, Miranda Ribeiro inicia seu discurso trazendo um poema de Virgílio, *Geórgicas*, livro II, onde o tema dos cuidados para que uma plantação floresça bem é desenvolvido pelo poeta romano. Segue sua análise sobre o que tem ocorrido com o Museu em termos políticos e administrativos, apresentando soluções mais sábias, a seu ver, para a melhoria da instituição, fazendo críticas às novas funções que não são efetivamente cumpridas pela falta de pessoal e organização, como é o caso da inserção do ensino no Museu, bastante criticada por Alípio. Apresenta ainda estatísticas comparativas entre as publicações feitas durante o período anterior à Comissão Rondon e o período posterior a ela, efetivando assim seu discurso em prol do papel de Rondon e de sua comissão para o Museu.

Dessa maneira, Alípio de Miranda se utiliza mais uma vez da experiência na Comissão Rondon para atingir seu objetivo, nesse caso, voltar o olhar para o que estava sendo feito **no e do** Museu Nacional, fazendo de Rondon um meio às críticas à administração e ao governo. Percebemos que o autor faz uso de subterfúgios lingüísticos interessantes como o poema, a analogia com a relação entre pais e filhos, cita fábulas, produzindo representações, refere-se às “*páginas da natureza brasileira*”, construindo mais uma vez a natureza como obra, e a Rondon como “*uma bandeira*”, por ser mais que um homem, ele é um movimento, nas palavras de Alípio, que mostrou como se faz ciência brasileira eficiente no Brasil. Apesar das críticas do governo sobre os funcionários do Museu Nacional, as estatísticas mostraram que se forem dadas as condições necessárias para o trabalho, como a Comissão Rondon promoveu, o trabalho é muito bem feito.

## Conclusão

As representações letradas são importantes materiais no intuito de buscar o conhecimento profundo do campo científico que se formava no Brasil, e continua a se formar. Por meio da análise dessas obras distintas é possível perceber a individualidade do homem

que produz obras a partir de sua experiência individual, mas também o homem social que busca se consolidar no campo científico. As publicações são representações que constroem representações tornando possível uma certa compreensão histórica do passado por meio desses “pedaços de passado”, às vezes tão incompreensíveis, e outras vezes aparentando obviedade. Alípio de Miranda Ribeiro buscou nas letras uma forma de representar seus estudos para a sociedade, compreendendo que seu trabalho era prático mas também intelectual. Dessa forma, dedicou-se à escrita de um diário de campo que apresentava suas percepções sociais e políticas, assim como à publicação de conferências em homenagem a Rondon e seu empreendimento, buscando muito mais uma avaliação política da instituição científica brasileira que era sua segunda casa. Ser naturalista talvez significasse ir além de seus limites profissionais, pessoais, ou sociais, e sim compreender-se como um “homem natural”, de uma natureza universal.

## Referências

- BOURDIEU, Pierre. *Coisas Ditas*. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- \_\_\_\_\_. *Razões Práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas: Papirus, 1996.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural. Entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1988.
- \_\_\_\_\_. Escribir las prácticas: discurso, práctica, representación. In: *Cuadernos de Trabajo*, n.2, Valencia: Fundación Cañada Blanch, 1998. pp.157-162.
- \_\_\_\_\_. O mundo como representação. *Estudos Avançados*, São Paulo, IEA, jan/abr, vol.5, n.11, pp.173-191.
- DIACON, Todd A. *Rondon: o marechal da floresta*. São Paulo: Companhia das Letras. 2006.
- NORBERT, Elias. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.
- LOPES, Maria Margaret. *O Brasil descobre a pesquisa científica: os museus e as ciências naturais no século XIX*. São Paulo: Hucitec, 1997.
- LIMA, Antonio Carlos de Souza. *Aos fetichistas, ordem e progresso: um estudo do campo indigenista no seu estado de formação*. 1985. 550 p. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Programa de Pós-graduação em Antropologia Social do Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- LIMA, Nísia Trindade. *Um sertão chamado Brasil*. Rio de Janeiro: Revan; Iuperj; Ucam. 1999.
- LIMA, Nísia Trindade; SÁ, Dominichi Miranda de. No rastro do desconhecido. *Revista de História da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, v.11, p.18-23. ago. 2006.
- RIBEIRO, Alípio de Miranda. *A Comissão Rondon e o Museu Nacional*. Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas. 1919
- SÁ, Dominichi Miranda de; SÁ, Magali Romero; LIMA, Nísia Trindade. Telégrafos e inventário do território no Brasil: as atividades científicas da Comissão Rondon (1907-1915). *História, ciências, saúde-Manguinhos*. 2008, vol.15, n.3, pp. 779-810. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v15n3/11.pdf> Acesso em: 10 dez. de 2009.